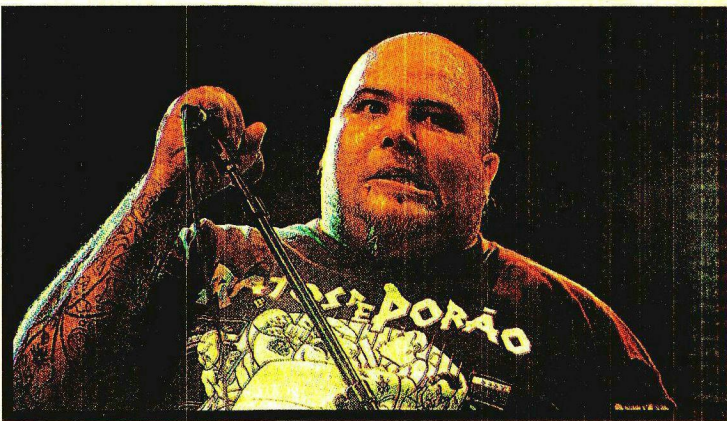




BALEADO MAS PERIGOSO: O PUNK JOÃO GORDO ATACOU FHC E JÁDER

CRÍTICA

Anjos e demônios

Bernardo Scartezini

Da equipe do **Correio**

Sem juízo final, céu e inferno se encontraram para o Porão do Rock de domingo. Enquanto o Maskavo fechava um show podicrê no “intuito de passar uma mensagem positiva”, o frontman Fabrício Nobre apresentava seu vibrante MQN no Palco Demo: “Isto aqui é o inferno, galera”.

“Isto aqui vai virar um pedacinho do inferno”, provocaram, em seguida, os vocalistas Carlinhos, o possesso, e Vivi, a insinuante. Era o gaúcho Bidê ou Balde no que seria o melhor show do festival. Em meia-hora, os melhores momentos do único CD (Se Sexo é o que Importa, Só o Rock é sobre Amor), puxado pela praieira Melissa e pela versão de Buddy Holly (do Weezer), além de

duas covers — a sacada Molly's Lips (Vaselines, já relidos pelo Nirvana) e a algo óbvia Private Idaho (B-52's). New wave relida e ampliada. Uma Blitz melhorada, com o gordoidão Carlinhos, com-pouca-voz-mas-surtando, no lugar do Evandro Mesquita.

Se Carlinhos estava resfriado, João Gordo teve que tomar uma injeção no nervo ciático para fazer o show. “Estou muito gordo, muito doente, mas os Ratos continuam.” Mesmo quem não curte a tosqueira crossover dos Ratos de Porão tem que respeitar. Gordo xingou meio mundo — FHC e Jáder Barbalho foram os mais citados — antes de a discursseira politizada do Pavilhão 9 invadir a madrugada de segunda-feira.

O inferno também ardeu com a competência metálica do Slug e o ataque de peso do Macakongs 2099. No Palco Demo, o baterista do Under-skin Crawler trocou as duas baquetas por dois lança-chamas. Os bangers vibraram.